

PROJETO NURC - RECIFE

INQUÉRITO N. 015

TIPO DE INQUÉRITO: ELOCUÇÃO FORMAL

TEMA: A POESIA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Inf. Reitor Paulo Maciel professor Manuel Maria senhores professores... antes de mais nada quero agradecer a inclusão do meu nome... entre... os conferencistas dessa semana... e tô muito satisfeito de ter saído dali pra vir falar aqui... porque tô na sombra do padre Daniel Lima... tenho assim melhor chance... de dizer o que quero... e o que devo sobre Drummond... há alguns meses num grupo de poetas... e isto está grafado como interrogação entre aspas e entre parênteses... e poetas de vanguarda se reuniam numa cidade do nordeste brasileiro... para proclamar a morte... da poesia... que eles chamam de discursiva... e instaurar o reino... provavelmente venturoso... do poema processo... aproveitaram a momentosa ocasião para promover um *happening*... um *happening*... é isso que deve acontecer espontaneamente... e deve ser chamado de manifestação artística... embora seja este tipo de arte... daqueles em que todo mundo participa... sem saber exatamente de que... e em que todo mundo se manifesta... não se sabe exatamente como... e principalmente em que todo mundo ~~acha~~ mais uma vez sem saber exatamente o quê... pois bem... o momentoso *happening* incluiu uma cerimônia muito apreciada... em certas ocasiões famosas... da história da humanidade... a queima de livros... sob a bandeira de que é preciso chocar pelo radicalismo não sei se o lema é esse mesmo mas tanto faz... os acontecentes... da cidade... queimaram livros de Drummond... e João Cabral... porque são poetas dos mais discursivos da nossa língua... segundo declarou essa nova juventude hitlerista... os nomes desses novos expoentes da teoria poética são conhecidos embora não muito... não vejo razão para mencioná-los... acho mesmo... que depois de devidamente amadurecidos... antes ainda que caíam do galho... hão de se mostrar agradecidos por não terem sido mencionados uma vez mais... de lá pra cá... já se passou algum tempo... a glória iconoclasta dos acontecentes não parece ter se acrescido pelo fato de terem queimado Drummond... pelo fato de terem queimado Cabral... numa noite... iluminada pelas chamas dos livros... e pelas genialidades da província... no que me diz respeito a mim como leitor de poesia e ~~Não~~ além disso... confesso que ainda não sei exatamente... o que é o poema processo... suspeito de que os/os de que os seus autores... e de que seus teóricos... talvez também não saibam... mas como a paternidade é deles... convém não questionar muito o problema... podem ficar ofendidos em seus brios... mais ainda... a julgar pelas profundas reflexões filosóficas e doutrinárias que nos apresentam... receio muito ter estado sentado em cima de um poema processo enquanto escrevia essas linhas... conce/concebo até que um rasgo de inteligência processual que ando cercado de poemas processos... meu cinzeiro... minha estatueta... este telegrama que acabo de receber... minhas chaves... meu cachorro que vive dormindo... meu vizinho... meus próprios poemas... o jardineiro... as obras completas de Freud... e meu nariz... que maravilhoso mundo o mundo processo tão vasto e tão profundo que nos circunda tanto quando nos penetra uniniótico geral... depois de queimados os retrógrados poetas Cabral e Drummond... os gênios acontecentes encaminharam a vários críticos e a várias entidades um manifesto em que declararam os seus princípios... o que aliás... vêm repetindo periodicamente... por falta de manifestos o movimento não morre... este é seguramente um dos movimentos mais manifestados que o mundo nos deu... infelizmente um desses manifestos foi ter às mãos de

E.P. QUE para provar a surpresa e pasmo dos manifestantes vejam que louco não aderiu... E reclamou com a justa indignação... chamar de discursivos... alguns poetas mais contidos... menos discursivos de talvez toda a literatura brasileira era inadmissível... E o protesto de Eduardo Portela publicado no Jornal do Brasil foi um pouco de água na fervura da fogueira dos livros desta cidade...P. responde elegantemente e até com boas maneiras... na certa que o faz reconhecendo que uma discussão referente aos problemas da vanguarda poética é algo que tem seu lugar na história da cultura tem mesmo... porém sem se quer levar em conta o fato de terem sido Drummond e Cabral os que serviram de lenha para a fogueira acho muito mais grave o simples de se queimarem livros... sempre que isto se passou no mundo o homem deu um passo para trás no seu desenvolvimento assim foi na antiguidade chinesa.. assim os saques bárbaros à Roma... assim durante a Alemanha(nascista).. assim em época de expurgo... em época de terrorismo oficial... em época de filosofias certas e legalidades originadas à força... nestas épocas a verdade fica submetida a um garrote... por essas e por outras... é que desconfio deste acontecimento... refaço a frase não confio em ninguém que queima livros e acho que E.P. além de não aderir como é lógico... além de protestar... o que fez em ensaio muito equilibrado poderia ainda ter recordado aos leitores incendiários que a fogueira de um *happening* não é bastante para destruir uma expressão de cultura tão inegável quanto a dos críticos que conhecemos nos nossos dias?... prefiro citar *Auden* um moderno poeta ... inglês de dupla cidadania... americano também... que diz “o prazer não é de modo algum um guia crítico infalível mas é o que menos falha” e assim é ... assim como critério estético inegavelmente sujeito a variedades de gosto e de preferências o princípio do prazer está na base de qualquer método crítico a menos que se queira fazer uma crítica pura a menos que se queira fazer a crítica pela crítica e o amor ao método dê permissão ao crítico crítico para fazer análises muito boas de romances talvez muito ruins releio ainda *Auden*... “quais são as funções de um crítico?” se pergunta ele e responde “a mim o crítico pode prestar UM ou mais dos seguintes serviços apresentar-me a autores ou trabalhos que eu ainda não tivesse conhecido convencer-me de que eu substimei o valor de um autor ou trabalho por não ter efetuado corretamente a sua leitura mostrar-me relações entre trabalhos de diferentes origens e culturas algo que eu não tivesse visto por mim porque não sei o bastante e porque jamais chegarei a saber... fornecer-me um modo de leitura que aumente minha compreensão do trabalho em questão... trazer a luz ao problema do prazer artístico... trazer a luz as relações entre a arte e a vida entre a arte e a ciência a economia a religião etc”... a citação é longa mas é útil...é esse um tipo de auxílio que deveremos esperar com legitimidade da crítica embora não se possa esperá-la de mim...e neste... nesta como em qualquer outra visão crítica há MUITO o que encontrar no nosso poeta mineiro... ((dirigindo-se à alguém))

L1- eu queria um pouquinho d'água

L2- ()

L1- obrigado

L2- mineral viu?

L1- hum?

L2- mineral

L1- tá certo (5s) numa extensa introdução à obra de Drummond que são dez livros reunidos num só “reunião” A.H. se refere ao fato de que Otto Maria Carpeaux na sua pequena bibliografia crítica da literatura brasileira enumera cinquenta e três estudos importantes sobre a obra drummondiana.. E em mil novecentos e quarenta e seis quando a editora Aguilar publicou As obras Completas de drummond entre aspas eram enumerados mais de quatrocentos artigos brasileiros ou não sobre a obra de Drummond... não precisamos ir mais

longe... uma tal massa de análises estudos e comentários já dão idéia da posição de relevo que ele ocupa em nossa literatura... principalmente se nos lembrarmos de que a edição da Aguilar é de mil novecentos e quarenta e seis... que hoje neste ano complicadíssimo de mil novecentos e setenta e cinco Drummond continua vivo... escrevendo... bulindo... recusando prêmios e honrarias... calado no seu canto como diz num poema mas produzindo incessantemente...nesses vinte anos suas obras continuam muito incompletas... a cada livro nova surpresa o poeta dá uma cambalhota experimental numa linha de pesquisa quase concretista que assusta seus leitores calivos logo em seguida tranquiliza a todos publicando à moda antiga desafiando a velharia do soneto como forma velharia na opinião de outros e não na minha diga-se de passagem e neste desafio ao velho soneto o plural Drummond.. nos faz encontrar o mais destlavado poema de amor... todos sabemos Drummond demonstra a cada novo livro nova surpresa o itabirano foi modernista a seu tempo em sua hora e foi talvez o melhor deles... E já sem ser modernista continua moderno são sete fôlegos reunidos num só o mesmo fôlego do mineiro desconfiado mas dotado de um instrumental múltiplo e sempre adequado ao tratamento do seu tempo... da modernidade... do seu meio... do seu país... da sua época... para quem ele é voz e palavra registro e descoberta.. a mencionada pluralidade da obra de Drummond se manifesta através das suas incursões pelos mais variados caminhos da forma.. e por escolhas temáticas às vezes as mais díspares desde a tão falada valorização do cotidiano até às altitudes do tom sublime... que Drummond inegavelmente atinge... em certos poemas sem que com isto cause o mau gosto do patetismo ou do dó agudo o dó de peito que estraçalhou tanta poesia e tanto coração romântico... este é um comentário que pode se aplicar a muitos poetas embora dificilmente com mais propriedade se aplique do que a ele... de sua obra já se disse também...que é como um uni-poema um universo... acho que esta afirmativa é ainda mais inespecífica... e não será por tal caminho que conheçamos sua poesia tem-se dito também que seus poemas relevam um como desencanto fingido diante da vida que a vida para ele no fim FAZ sentido... embora...o poema qualquer que seja... e há inúmeros deles... afirme que não que não há sentido nas coisas na vida às vezes... creio eu que o que sobressai da leitura dos seus poemas no entanto é mesmo que os poemas dizem... a ironia da ausência de sentido quando tudo poderia indicar o contrário uma ironia fina e paradoxalmente feliz muito mais do que resignada diante do obstáculo... do do empecilho... da pedra no caminho... “sossegue Carlos” se diz ele “hoje tem filme de Carlitos” se diz ele e no fim das contas lá se vai embora um Carlitos procurando um sentido que Drummond não deixa de procurar sabendo que encontrá-lo não é senão perdê-lo... assim como achar um bom verso é matá-lo... assim como a poesia é algo que está antes e que está depois do verso e não somente em sua mecânica de fritura... imaginemos então que este seja o saldo da visão do mundo de Drummond... guardado das conveniências da comparação... digamos que este saldo é... sem tanta dramaticidade mas sim com a MÁxima ironia é um saldo aparentado das três palavras que deFinem e dão os contornos do *Rei Lear* de *Shakespeare* NÃO Nada nunca somadas as negativas as nulidades as inutilidades o resultado final há de ser fatalmente um zero ou um apenas número qualquer bem diferente do infinitivo deserto de números e letras/e de letras...será que com um tal negativismo esvazia a visão do mundo do poeta?... que ele se faz com isso um cultor do absentéismo... um comemorador da apatia?... o primeiro argumento em contrário o próprio poeta nos deu... com o seu livro “A Rosa do Povo” (6s) publicado em mil novecentos e quarenta e cinco o livro traz poemas escritos no calor da hora em que no país... os intelectuais mais lúcidos se associavam para o combate uniforme à ameaça nazista... cujas seduções e pressões só não desviaram para um lado fachismo as correntes do governo porque pressões mais fortes e mais vizinhas tomaram um caminho certo na ocasião... era esta uma época em que o primeiro congresso brasileiro de

escritores se reuniam em São Paulo com a presença de figuras como A.C. que deixava documentos de valia inquestionável para a inteligência nacional... era assim um tempo de partidos mas ainda não um tempo de homens partidos... seria a hora em que Drummond traria o seu documento de participação de presença seu depoimento de que é continua sempre o foi um homem *en situation* à maneira de *Sartre* consciente do seu tempo e de sua hora definido...situado... decidido... há pouco escapou-me a palavra participação a poesia dita participante é pois algo que Drummond atravessou incólume como quem atravessa um rio sem se molhar... dificilmente encontramos um romance de tese... ou a poesia programática que escape aos vesgos e às descaldas que a participação impõe... vimos o romance de tese do realismo descaracterizarem o próprio realismo como no "Mulato" de Aluísio de Azevedo em que a necessária branquificação do mulato dá à personagem feições de deus olímpico atitudes às vezes de um Platão além de preciosíssimos olhos azuis... tudo por causa da tese... demos um inúmeros outros li/romances o enrijecimento técnico das personagens que devem obedecer a um fim e a um padrão predeterminado para que se possa compravar a tese... e adeus vivíssimas personagens redondas como as quer *Foster* que toca () um batalhão de esteriótipos seres pré-fabricados... que têm a obrigação não de viver... como se espera de um romance vivo... mas de ainda uma vez... demonstrar a tese... e na poesia?...quanta tese... certa em seus princípios estragou poetas de quem tanto se poderia esperar... há um exemplo citado por A.C. que é muito ilustrativo... fazendo a apologiados jesuítas um outro Antônio o de C.A. escreveu "mentira respondia em voz canora o filho de Jesus... pescadores nós vamos ao mar fundo pescar almas para o Cristo a todo o mundo com um anzol a cruz" a imagem é de digestão impossível diz A.C. não se pode pescar nada com a cruz... é de digestão impossível mesmo para o imaginário presidente da Sociedade dos Admiradores de Castro Alves... foi no romantismo que causou isso dirão... em parte foi... em parte foi a () de participação... o romantismo como estilo de época está felizmente extinto há bastante tempo... mas a poesia participante não... agora mesmo... um poeta participante escreveu um livro e publicou-o... com o título de "Poesia Comprometida com a Minha e com a Tua Vida"... só o título me dá a certeza de que não vou lê-lo... nunca... espero apenas que esse tipo de poesia seja mais comprometida com a dele vida do que com a minha... pois bem... toda essa verdadeira diatribe que andam fazendo contra a poesia programática exclui AMpla e galhardamente a Carlos Drummond... não é todo dia que a poesia de *parti pris* encontra um *Maiakóvsky*... e não é todo dia que no Brasil se encontra uma "Rosa do povo" tão rosa e tão do povo quanto a que nos mostrou Drummond em quarenta e cinco... ainda assim... é melhor na tomada de posição social e política do poeta diante do seu tempo qual o primeiro poema que encontramos no livro? chama-se "Consideração do Poema"... os dois primeiros versos do livro e do poema... "não rimarei a palavra sono com a incorrespondente palavra outono"... surpresa para quem esperasse um imediato libelo anti-fachista o poeta começa seu livro participante por algo que não é seNÃO... um dos mais vigorosos exemplos de poemas da linha ars poética de sua obra... mas é de Drummond surpreender para depois surpreender de novo tais os dois últimos versos do poema "tal uma lâmina o povo meu poema te atravessa" () a partir deste momento em que se define e define seu estar no mundo a poesia de Drummond será sempre a do poema que o povo atravessa embora quase nunca mais sobre forma de atividades ou participação política declarada... será então a partir da reconhecida valorização do cotidiano que Drummond manterá seu contato com o homem comum do seu tempo sem que lhe falte também lugar... para com o homem incomum do seu tempo... e através de todos os seus livros... desde "Alguma poesia"... até o mais recente... algo que vai transparecer das características do poeta será esta sua capacidade indiscutível de comunicação que não se deixa perturbar ou atrapalhar por um inegável domínio da língua em

seus aspectos mais requintados mais sibilinos... a tal ponto obedece a regras e normas que não deixa de grafar sobre grifo ou em itálico as palavras de outras línguas que encontramos em seus poemas... inserções aliás que ele tratará com propriedade... e adequação... este talvez purismo... porém... se contrabalança por buscas maravilhosas no terreno do neologismo... no desenterrar palavras velhas e no batismo e sagração de palavras cunhadas em suas próprias oficinas... nem se esquivava ele de visitar os jogos florais... por entre o reino isolado da palavra contida em si mesma associada com mecânicas distanciadas do conteúdo semântico levadas ao convívio conjunto de () irritadas como no seu poema em que diz "o fácil o fóssil o míssil o ofício a arte o enfarte o ópio o canópico a urna e o ()" no seu poema " Isso é aquilo"... lembro-me de ter lido sobre a exultação de certos grupos do pensamento de esquerda na Europa na época da famosa geração perdida de *Gertrude Stein*... quando *Hemingway* seu "Por quem os Sinos Dobram?"... *Hemingway* aderiu disseram todos... e espoucaram foguetes... mas não sabiam que o velho *Hemingway* não estava fazendo política mas apenas literatura... também em nome de uma suposta adesão muitas correntes da vanguarda encontraram em Drummond este que () pelo jogo verbal um novo e importantíssimo baluarte... ledo engano... partidário de si mesmo e do mundo já em publicações imediatamente posteriores Drummond retoma seu partido neutro da procura do poeta em que sem adesões sem filiações isso que faz dele um escritor capaz de manejar qualquer instrumento da linguagem... e do pensamento... nisso que faz nele um homem e escritor moderno sem ser apenas modernista... atual e atuante sem ser apenas vanguardista... sua poesia continua e está sempre no convívio dos recursos fônicos sem esquecer a palavra puxa palavra... que a crítica já lhe descobriu... o conhecimento das mecânicas de conotação... o desvio da norma os efeitos de estranhamento que *Trubetskoy* menciona do poder de transfiguração... que M.M. imputava à alma da verdadeira poesia... e em que mais? num mundo inteiro de propriedades... no emprego do paradoxo que faz uma forte corrente da chamada noca crítica Anglo-Americana está a base de toda a poesia... a ironia tão cara aos poetas analistas da linhagem também Anglo-Americana... na fusão felicíssima do coloquial com o sublime do cotidiano com o elevado que talvez constitua uma das características mais marcantes da modernidade poética... e em que mais? perguntemos ainda... fica difícil responder o problema não sei se já ultrapassado de analisar uma obra poética esbarrará sempre em uma definição de princípios... de aceitação de bases teóricas a respeito das quais os teóricos teorizam os críticos criticam os analistas analisam e os dissecadores dissecam... enquanto isso se passa e a crítica e a teoria sofrem as duras penas do pensar racional e cientificizante da atual *literaturwissenschaft* o poeta em sua liberdade de criação... e com passaporte visado para o país de livre pensar sem tanta ciência... dirá simplesmente... a respeito do escritor... "escritor não somente uma maneira especial de ver as coisas mas também possibilidade de vê-las de qualquer outra maneira"... assim descobrimos um poeta sobremaneira voltado para a sua constatação de que o mundo faz não faz sentido... e dizer tranquilamente "sou e não sou mas sou"... num estado em que... ante a descoberta... ou mesmo vaga percepção de que haverá sempre algo que contraria o homem em sua busca a melhor postura é a da ironia... e que ironia caracteriza Drummond? não é ironia Ácida de um *Swift* em seu famoso ensaio aquele que sugere que as crianças irlandesas sejam assadas ao forno e depois devoradas para que assim se resolvam os problemas que as circundavam... não é a ironia mordaz de *Bernard Shaw* onde a cambalhota em pleno palco se imagina... mas antes... uma ironia levemente machadiana... que conduz a uma oriental pacificação como a do Conselheiro Aires no fim da vida... a diferença está em que a ironia drummondiana volta-se mais ferinamente contra o próprio poeta... também era um dar de ombros diante do real e do imaginário... diante do conflito entre esses reinos mas com o

acréscimo de que... a água cai na caixa com a força... com a dor como diz Drummond no seu "Noturno Oprimido" e que na realidade é tão minúscula que ele vê nesta caixa da água ali retratada o poeta sabe da dor mas se apressa em torná-la nula... por força da desmitificação mesma da dor... "que dor se sabe dor e não se extingue?" pergunta ele em "Nudez" um dos maiores poemas da língua... e a sua própria dor a dor do mundo ele a destina à extinção por desvalia... e por trás de tudo isso transparece uma lúcida consciência da dor trabalhada pela ironia... mineira... e apenas aparentemente miúda do poeta que por um dos seus recurso/recursos minimizantes maximaliza a sua aguda... e amarga consciência do mundo... que pedra deixou ele de ver pelo caminho? nenhuma... que obstáculo deixou de reconhecer entre o banal e o sonho? nenhum... no seu quarto em desordem o poeta reconhecerá "na curva perigosa dos cinquenta derrapei neste amor que dor ..." e no belíssimo campo de flores dirá ainda "Deus me deu amor no tempo de madureza quando os frutos ou não são colhidos ou sabem a vermes" mas como sempre... depois de corroído por sua consciência do obstáculo... da amargura do bem sempre incompleto logo o poeta se volta... nos dois versos seguintes para a ala da alta ironia e da irrisão e completará "deus ou foi talvez o diabo deu-me este amor maduro e a um e outro agradeço pois que tenho amor"... e amores contrariados são uma numerosa população da poesia drummondiana... há os seus próprios amores de poeta amores apesar de si próprio... amores impossíveis... amores proibidos... amores torturados diante de nada... e amores torturados diante de tudo... todos conhecem o poema "Rapto" de Drummond provavelmente... em que ele diz "se uma águia fende o ar e arrebatou esse que é forma pura e que é suspiro de terrenas delícias combinadas e se essa forma pura degradando-se mais perfeita se eleva pois atinge a tortura do embate no arremate de uma exaustão suavíssima" e assim por diante... é um poema de difícil compreensão... e que conclui dizendo "baixemos nossos olhos ao desígnio da natureza ambígua e reticente ela TECE dobrando-lhe o amargor outra forma de amar no acerbo amor" não é um poema fácil... mas é uma chave para essas portas de () que ele cita a águia que fende o ar e arrebatou a forma pura de terrenas delícias combinadas não é senão uma menção a Júpiter que disfarçado em águia desce a terra sequestra Ganimedes e o leva para o Olimpo onde servirá à mesa dos deuses e servirá os deuses mesmos... valendo-se da lenda mitológica... estudada numa obscuridade que não lhe proíbe versos belíssimos Drummond analisa o beijo estéril... a cinza e núpcias... do amor homossexual uma segunda leitura do poema dentro desta decodificação aclara tudo... e que poema... e que tratamento tão nobre para um tema de tal rudeza... nem fica apenas neste poema a visão que o poeta vota aos percalços amorosos... mesmo quando trata dessas outras formas de amar no acerbo amor... há um poema de mil novecentos e setenta e três onde a mulher... é focalizada... dentro deste problema amoroso contrariado e diz Drummond " dizem que à noite Mária passeia vestida de homem da cabeça aos pés vai de terno preto de chapéu de lobre na cabeça enterrado assume o ser diverso que nela se esconde ser poderoso compensa a fragilidade de Mária na cama Mária vai em busca de quê? de quem? de ninguém de nada senão de si mesma farta de ser mulher calças compridas cigarro acesso Mária fuma vestida de homem... corta procissão sozinha as ruas que jamais viram mulher assim... nem eu a vejo que estou dormindo SEI que me contam não a viu ninguém? sou seu amigo sem desejo amigo amigo puro desses de compreender sem perguntar... e de mãos dadas vamos menino-homem... mulher-homem... de noite pelas ruas passeando o desgosto do mundo mal formado"... a esta visão do mundo mal formado uma visão em que o poeta chega a que o poeta chega por meios de escavações minudentes e sem paradas acerbas L.C.L. chamou em seu ensaio "Lira e Anti-Lira" de princípio corrosão na poesia drummondiana... é verdade... o poeta corrói o seu tempo... o seu mundo... as palavras que escapa de um e de outro... mas há algo que vem depois da corrosão... e que é... não raramente por vias da

irrisão... oângulo do olhar compreensivo e que perdoa entende continua... e também como o próprio crítico pernambucano afirma nem tudo é apenas corrosão em Drummond como nem tudo é apenas irrisão nem tudo é apenas ironia ou ambiguidade ou obra aberta ou recurso rítmico ou de rimas sutis ou de transfiguração de materiais triviais em tratamentos refinados... a verdade... somatória e final é que tudo há não um pouco mas sim muito... e é também verdade que cada uma dessas características se encontra assentada com direito de cidadania nos livros em que os teóricos da poesia de todos os países conseguem identificar os componentes mínimos atomizados não só do fazer poético como da própria poética em si... algo muito pertinaz/pertinente encontramos ainda em Manuel/em/em C.L. quando opõe a corrosão drummond/drummondiana ao fluir sentimental de Manuel Bandeira são realmente extratos diferentes de dois grandes poetas a diferença está em que a alta ironia de Drummond lhe evita a piedade de si mesmo sem que com isso seus poemas encontrem na devida hora... um grau quase terrível... de tragicidade... sua obra é múltipla... uma espécie de "Museu de Tudo" como quer Cabral em seu título de livro recente... um mercado de tudo e neste mercado vário é frequente encontrarmos objetos que são também eles vários obras abertíssimas por um lado tão simplesmente específicas aparentemente que parecem simplórias/simplórias e que no entanto... podem ser lidas de tantas e tão variadas maneiras... notem... que todas estas características da poesia de Drummond... pertencem do que pode ser estudado pelos críticos e teóricos nos níveis mais densos que concedermos... nos níveis mais difíceis... e no entanto Drummond é ao fim e ao cabo... um poeta claro... como um claro enigma... lembro-me de que trinta anos atrás enquanto todo mundo lia Bandeira... Drummond era lido por círculos intelectuais e/e... restritos e às vezes os intelectuais torciam o nariz diante da "Pedra no Caminho" diante de algumas obscuridades... diante da mão que precisava ser cortada porque estava suja... diante de certos problemas de colocação poética que na época não acompanhavam bem o jantar... e nem a conversa da sobremesa... mas tudo isso passou... hoje em dia seu nome é o primeiro que se menciona em enquetes... entrevistas públicas... bancas de exames... reportagens de televisão... relembro o seu poema em que passando a mão pela sua mesa de trabalho onde se encontram diz ele... cartas endereços poemas Drummond notando a madeira gasta pelo tempo ferida e maltratada diz "passo a mão pela aspereza é o verniz que se vai? não é a árvore que volta" belo poema... será que com a popularidade a poesia de Drummond começa a cair no perecível?... não já é tarde demais para que a palavra perecível possa ser sequer cogitada quando se trata de drummond... já nada mais pode a corrosão do tempo contra este mineiro itabirano... que foi o primeiro modernista a se fazer moderno... a acompanhar todas as idas e vindas do movimento... notem como foi coloridamente modernista um poeta como *Menotti Del Picchia* e que vinte anos depois já nada tem de moderno senão historicamente... notem como foi amazonicamente... vegetalmente modernista um poeta como *Raul Bopp* e que vinte anos depois já nada tinha de moderno senão ainda uma vez historicamente... e notem como foram berrantemente modernistas... verde e amarelamente modernistas... coloridamente modernistas poetas como M.e O.A. cujos poemas... embora muito superiores ao de *Picchia* e *Bopp* ficaram encravados e pertencentes à época modernista... com algumas exceções... e no entanto isso não se passa com Drummond... não é por ter sobrevivido a seus contemporâneos que o mineiro lhes sobrevive literariamente... sobrevive por ter sido metamodernista mais que modernista moderno e mesmo transmoderno em sua capacidade de ao mesmo tempo acompanhar transcender a sua época... transcende-a... apesar das inquietudes que a caracterizam... e que transparecem em sua obra... inquietudes que A.C. identifica... a do seu eu todo retorcido a do anjo torto que lhe representa a sua busca do passado "Retratos da Família" em poemas com "A Mesa de Neco Andrade" esta mesma obsessão com os

inertos... sua autocrítica técnica... “não faça versos sobre acontecimentos” seus inúmeros depoimentos poemas sobre “ars poética” sua polaridade afinal resolvida sempre entre o social... e o individual e mais acrescentaríamos... esta compreensão do amor contrariado... dos percalços amorosos... sua permanência no atual sem esquecer o que foi e sem descuidar o que virá... tudo isso faz do poeta “gauche”...alguém que renasce a cada momento... rejuvenescido sempre... ele se dirá como o *Georges Simenon* nas suas memórias “quando eu era velho”... e homem lúcido de sempre... ele dirá como disse em “Impurezas do Branco” “Amor é privilégio de maduros amor começa tarde” não será tarde nunca para a poesia desse poeta que marcou de decisão... e determinação social sua postura...através da poética de um mundo em crise... que atravessou o seu tempo sem se deixar ancorar em nenhuma parcela deste tempo... como barcaça que é de todo mar de todos os mares e tempos e lugares e vai passando pela vida com seu sorriso torto... e que como Carlitos que ele mesmo celebrou... vai coerentemente... caminhando... como povo da sua “Rosa do Povo” numa estrada de pó e de esperança ((apiausos))